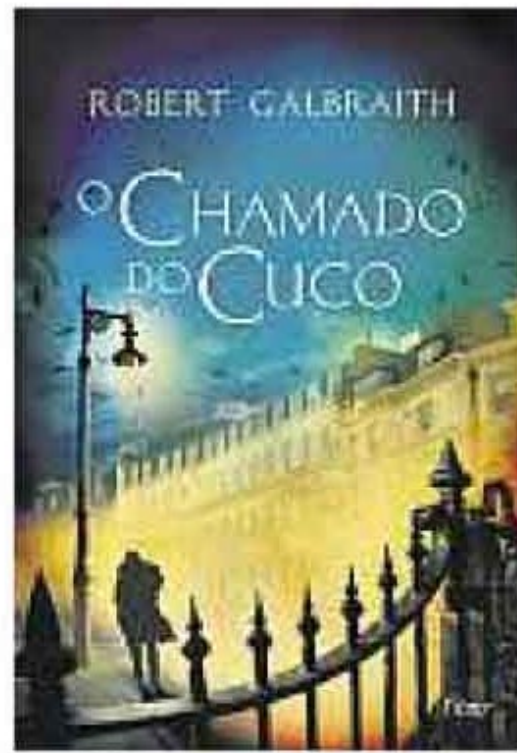
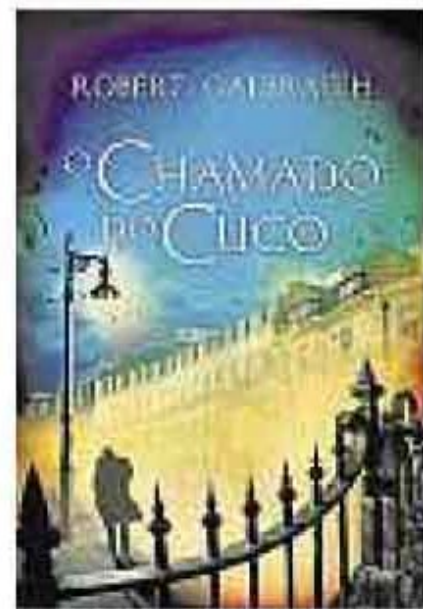


MISTÉRIO
J.K. ROWLING
MOSTRA
FÔLEGO EM
SUA ESTREIA
NO GÊNERO



pág. 2

Longe de Hogwarts O CRIME DE JK



Estreia da criadora de Harry Potter na literatura policial sob o pseudônimo de Robert Galbraith, que chega hoje às livrarias, mostra identidade singular e fôlego para uma série

Livro

Critica

“O chamado do cuco”

Editora Rocco

Cotação: **Bom**

JOSÉ FIGUEIREDO

fig@oglobo.com.br

“O chamado do cuco” chega hoje às livrarias brasileiras com um mistério que nunca será desvendado: quanto tempo a mais ele levaria para se tornar um sucesso planetário se não tivesse sido revelado que por trás do Robert Galbraith divulgado como seu autor está J. K. Rowling, a criadora de Harry Potter? O certo é que, a partir de julho, quando o segredo do pseudônimo se desfez, o primeiro romance policial da escritora disparou na lista dos mais vendidos a uma velocidade digna do pomo de ouro, a arisca bola de quadribol, o esporte mais popular de Hogwarts, a escola de bruxinhos.

O mistério sobre se a morte de uma famosa top model inglesa negra, Lula Landry, numa noite gelada de Londres teria sido suicídio ou assassinato tinha vendido poucos milhares de exemplares nos seus três primeiros meses nas livrarias. Depois que a grife Rowling foi atachada ao romance, a vendagem estourou para os atuais 550 mil exemplares no Reino Unido e a inclusão desde então na lista dos best-sellers do “New York Times”.

Tiragens à parte, “Robert Galbraith” tinha tudo para conquistar mais cedo ou mais tarde o coração desta turma ávida por descobrir vozes originais num gênero literário cada vez mais desafiado em demonstrar capacidade de surpreender. Ela mesma uma devoradora de mistérios, J. K. Rowling, protegida por seu alter ego, sentiu-se mais à vontade para dar seus primeiros passos justamente no reino onde a literatura policial é tratada como um dos seus tesouros mais respeitados. Num terreno desbravado há mais de um século por nomes como Arthur Conan Doyle, Agatha Christie, Dorothy Sayers, Ruth Rendell e P.D. James, só para citar alguns, Galbraith/Rowling introduziu sua dupla de detetives, Cormoran Strike e Robin Ellacott.

DETETIVES PARTICULARES COMO PROTAGONISTAS

Logo nas primeiras páginas de “O chamado do cuco”, os fãs de policiais percebem a determinação de Rowling em, num país com a maior população de detetives de ficção do planeta, dar uma identidade inconfundível à sua nova série — ela já anunciou que a segunda aventura dos seus investigadores está escrita. Uma das escolhas da escritora que saltam à vista dos leitores foi a condição de detetives particulares dos seus protagonistas. Se durante as primeiras décadas do século passado os mistérios ingleses ficaram célebres por seus investigadores particulares ou amadores, o cenário hoje é diferente: a grande maioria dos heróis é ligada à Scotland Yard.

No entanto, Rowling não aposta apenas em não dar distintivos a Strike e Robin. Narradora cheia de recursos e de confiança no seu poder de “prender” os leitores, ela investe num bem-sucedido *cross-*



J. P. MASCIET/AP

Sem disfarce. O alter ego Robert Galbraith conquistou críticos; J. K. Rowling, o boom de vendas

O investigador Carmoran Strike e sua assistente, Robin Ellacott, dão provas de que têm condições de avançar na trilha que leva ao encontro dos fãs mais exigentes do gênero policial

ver entre o policial de matriz europeia com o noir americano. De pronto, o escritório de Strike logo remete aos de seus colegas durões do outro lado do Atlântico, como Sam Spade e Philippe Marlowe. E mesmo o perfil e o caos cotidiano do veterano da guerra do Afeganistão, onde perdeu parte de uma perna, remetem a esse imaginário da ficção *hard-boiled*. Por outro lado, no processo de resolução do mistério o que impera mesmo é o muito britânico método dedutivo, à la Lorde Peter Wimsey, o célebre detetive de Dorothy L. Sayers.

Se o desenrolar da trama é um atestado da grande contadora de histórias que Rowling é — a solução do mistério sai de entrevistas que Strike e Robin realizam —, ele também mostra o lado mais frágil de “O chamado do cuco”: a evidente opção por deixar de lado um dos pilares que sustentam grande parte da melhor literatura policial — o trabalho de pesquisa do autor, sem o qual, caminhos mais ambiciosos para o romance acabam evitados.

J. K. Rowling ainda tem uma estrada a percorrer para merecer que Sua Majestade, a Rainha a inclua no grupo de escritores de policiais tornados nobres do reino, como Dame Agatha Christie ou as baronesas Ruth Rendell e P. D. James. Já os seus leitores mais antigos, após lerem “O chamado do cuco”, terão motivos para confirmar o seu título popular de Bruxinha dos Mistérios. ●

